

REVISTA BIENAL

2019

INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS

A Bienal
das ruas do
Jaraguá





Foto: Renner Boldrino



**Na 9ª edição,
A Bienal
pela primeira
vez ganha
as ruas do
histórico
bairro de
Jaraguá, com
personagens
da literatura
e livros que
andam.**



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

Reitora
Valéria Correia

Vice-reitor
José Vieira

Pró-reitora de Graduação
Sandra Paz

Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa
Alejandro Fréry

Pró-reitora de Extensão
Joelma Albuquerque

Pró-reitora Estudantil
Silvana Medeiros

Pró-reitor de Gestão Institucional
Flávio Domingos

Pró-reitora de Gestão de Pessoas e do Trabalho
Carolina Abreu

Superintendência de Infraestrutura
Diogo Henrique

Coordenadora de Comunicação
Lenilda Luna

Edição de Texto
Manuella Soares (MTE 2530/PB)

Jornalistas
Thâmara Gonzaga (MTE 1459/AL)
Diana Monteiro (MTE 343/AL)
Lenilda Luna (MTE 655/AL)

Relações Públicas
Izadora Lopes (CONRERP 001794)
Janaina Alves

Fotógrafo
Renner Boldrino

Técnico de audiovisual
Thiago Prado

Programadores Visuais
Camila Fialho
Fernando Tenório
Sandro Alisson

Estagiários
Pedro Ivon
Amanda Alves
Manoel Oliveira Jr
Ana Maria Xavier
Emídio Ferraz
Thiago Lima
Vitória Bezerra
Janyelle Vieira
Blenda Machado

Colaboração
Simoneide Araújo
Graziela França
Jacqueline Batista
Tiago Leandro da Cruz Neto - Zurck

Sumário

05

Editorial

23

Bienal na rua,
nos becos,
debaixo do sol e
da lua

06

9ª Bienal
Internacional
do livro de
Alagoas

24

Lute como uma
Bienal

10

Discurso da
Reitora

25

Ciência e
Educação para
Alagoas avançar

17

Bienal do livro
de Alagoas levou
a população ao
bairro histórico do
Jaraguá

26

A Bienal do
Livro que
despertou
Jaraguá

20

A Bienal da
Resistência

28

Bienar

21

Bienal, bienal?

31

Um
agradecimento
a todos e
todas que
construíram a
Bienal

Editorial

Por: Osvaldo Maciel, Lídia Ramires e Elvira Barretto*

*(Idealizadores das edições 2017 e 2019 da Bienal Internacional do Livro de Alagoas)

A Bienal do Livro é a síntese da gestão de Valéria Correia a frente da Ufal: referenciada na sociedade, democrática, plural e sem abrir mão do caráter público e gratuito do evento - e da própria Universidade. A 9ª edição foi mais que uma sequência do mais esperado evento cultural de Alagoas. Começou a ser construída ainda em 2015 quando muitas das reuniões de composição da nova equipe de gestão foram realizadas no Centro de Convenções, sede que parecia sob medida para a Bienal do Livro.

Mas queríamos mais e melhor. Um evento que extrapolasse a noção da feira de livros como ápice dos 10 dias de sucesso de público. O novo projeto começou a ser idealizado ainda em 2016. Em meio aos cortes orçamentários e ao cenário de insegurança política no país, foram assegurados edital de publicação de obras, pregão e licitação para fornecedores do evento, além de estímulo na participação de grupos e equipamentos culturais da Universidade. A realização da Bienal 2017 foi forte, bela e símbolo de resistência cultural, como o Chapéu de Guerreiro que decorou a edição e dá alagoanidade à fachada da Reitoria da Ufal, em Maceió.

Com dificuldades orçamentárias ainda maiores, a Bienal 2019 precisou ser pensada para além do que já havia sido feito até então. Poucos recursos e a impossibilidade de realização, nos moldes anteriores (em virtude das obras de construção do edifício-garagem do Centro de Convenções). Era preciso fazer um evento menor ou possibilitar algo ainda não realizado: crescer e ganhar as ruas. Foi preciso então, navegar contra a corrente, como diria Nise

da Silveira. E para tanto, com “espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão”.

A Bienal em Jaraguá lembrou à população o gosto pela magia e pelo belo, pela rua, pelo convívio social ao ar livre, pela beleza do povo reunido, alegre, encantado, circulando, visitando, conhecendo, relembrando e admirando parte de sua história. Ruas e prédios repletos de vida, sem medo, com alegria e liberdade - como a cidade deve ser e como a Universidade tem o dever de propiciar.

Nada disso teria sido possível sem a confiança e o “sonhar junto”, desde o primeiro momento, da reitora Valéria Correia (e da equipe de gestão), o aceite imediato do secretário Vinícius Palmeira (na articulação com toda a equipe da Prefeitura), as ideias que criaram vida a partir da concepção de Adriana Manolio e da execução da incansável Produção Cultural da Ufal (Carol, Diogo, Íris, Jorge, Nicole e Samy), a visionária administração do Espaço Armazém, a brilhante equipe de servidores da Edufal (na figura de Diva Lessa, presente e atuante em todas as edições do evento), a Associação Comercial, além da força, do comprometimento e da luta de servidoras e servidores da Ufal que somaram todos esses esforços aos do Governo do Estado, Fapeal, Rede Educativa, Polícia Militar, Sesc, Senac, Sebrae, Fundepes, demais parceiros, além das centenas de milhares de pessoas que por ali passaram, nos emocionaram e deram vida a esse sonho dito impossível. Esta revista mostra a importância de cada um e cada uma, entre o anonimato e o protagonismo popular, que mostrou que a cultura alagoana pulsa forte e que Jaraguá permanece vivo e belo como só a resistência é capaz.



Foto: Renner Boldrino

9ª Bienal Internacional do Livro

Por: Elvira Simões Barretto*

* Diretora da Edufal/Coord. 9ª Bienal*

A Bienal do Livro de Alagoas vem se consolidando como o maior evento literário, cultural e social do Estado, promovido pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) por meio de sua editora (Edufal). Saliente-se que a Ufal, desde quando organizou a primeira feira de livros, até os dias de hoje, é a única universidade pública brasileira que realiza uma Bienal do Livro totalmente gratuita, sem cobrança de ingressos e sem fins lucrativos.

A 9ª edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas, no período de 01 a 10 de novembro de 2019, ao ultrapassar os “muros” acadêmicos, ganhou as ruas do histórico bairro de Jaraguá, oferecendo ampla programação, incluindo a tradicional feira de livros e o lançamento de novas obras de autores/as estaduais e nacionais; ainda, contou com eventos acadêmicos, culturais e artísticos de âmbito estadual, nacional e internacional.



O eixo temático do evento teve como referência, por um lado, o bairro de Jaraguá, com sua história e sua importância para o desenvolvimento econômico do Estado de Alagoas, bem como a contribuição efetiva dos/as trabalhadores/as escravizados/as, originários/as da África, para esse desenvolvimento. Por outro lado, outra evidência histórica do evento é a relação da Ufal com países africanos, desde meados do século passado, por meio do Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G/MEC), que recebe anualmente um número significativo de estudantes africanos/as, em especial de Moçambique.

Viu-se, assim, oportunidade ímpar para uma importante e merecida homenagem a Moçambique, em uma Bienal promovida pela Ufal, realizada no bairro de Jaraguá. (ver:<https://www.bienalalagoas.com.br/2019/11/pais-homenageado-pela-bienal-mocambique.html>)

Esse ponto de partida inspirou, também, uma homenagem especial a toda a população alagoana, a 9ª Bienal - Leitura, Liberdade, Autonomia, fazendo do bairro Jaraguá uma verdadeira vitrine de talentos para o desfrutar dos/as que ali brindavam o evento com suas presenças. Cada cantinho da Rua Sá e Albuquerque - cada prédio, praça, calçada e beco - contava com personagens vivos da literatura, transitando e interagindo junto aos/às visitantes que buscavam participar das diversas atividades oferecidas: oficinas, palestras, rodas de conversa, espetáculos de música, dança, teatro, contação de histórias, bate-papos, lançamentos de livros, ou mesmo para aproveitar os espaços de convivência e a praça de alimentação.

Em suma, a 9ª Bienal do Livro de Alagoas apresenta-se como um “livro aberto” constituído de páginas escritas por mãos talentosas, com traços que seguiram percursos próprios e autônomos regidos pelo desejo coletivo de realização. A escritura inaugural do amplo texto “9ª Bienal” conta, na sua gênese, com a Prefeitura de Maceió, por meio da Fundação Municipal de Ação Cultural – FEMAC, e na consolidação, como ato inaugural da sua escritura, com o Governo do Estado de Alagoas.

Os demais capítulos vão sendo escritos no decorrer do ano de 2019 e, em 1º de novembro, na escadaria da Associação Comercial, lança-se esse livro amplo e com mensagens abertas, cujos capítulos podem ser assim descritos:

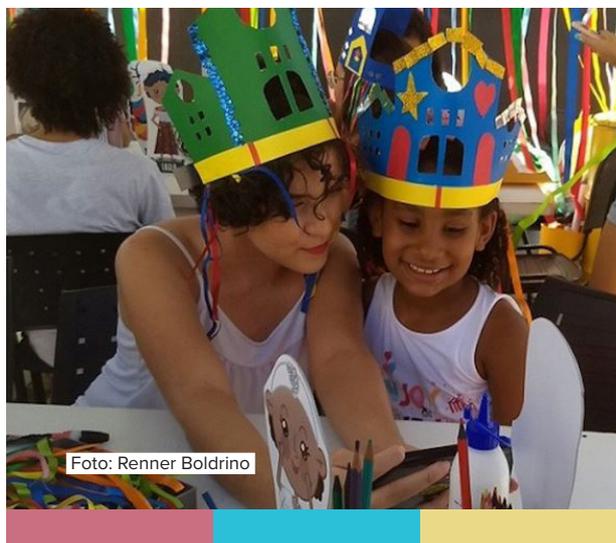


Foto: Renner Boldrino

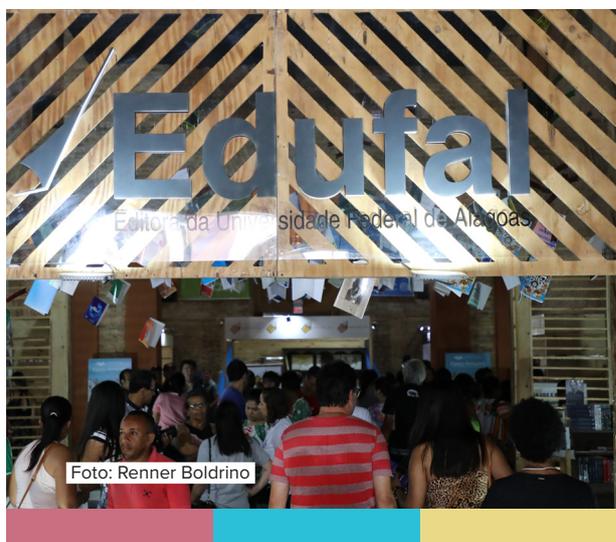


Foto: Renner Boldrino



Foto: Renner Boldrino

O Arquivo Público, com sua programação literário cultural, juntamente a Imprensa Oficial com lançamentos de livro, palestras, contações de história, entre outros e com a programação da Academia Alagoana de Educação;

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), com a disponibilização de visita ao seu acervo histórico, abrigoando a ampla e bela programação do SESC e a Exposição extraordinária Taba-ê-tê: desvelando Brasis da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFAL;

A Prefeitura de Maceió, com a concessão do seu estacionamento para a construção do Pavilhão de Oficinas;

O Sesi/Senai com seu belo e amplo estande repleto de atividades, entre elas o “Robozão” no calçadão lateral do Misa (Museu da Imagem e do Som de Alagoas)

O belo e aconchegante Espaço Semed/ Espaço Kids, no Forte 18 de Copacabana, abrigoando, também, atividades do projeto Educação Patrimonial/Fac. de Arquitetura/UFAL e o estande da Pestalozzi;

O Misa/Secult, com suas exposições, lançamentos de livro, palestras, entre outras atividades;

O Teatro Homerinho, com a Conversa de Coxia/UFAL;

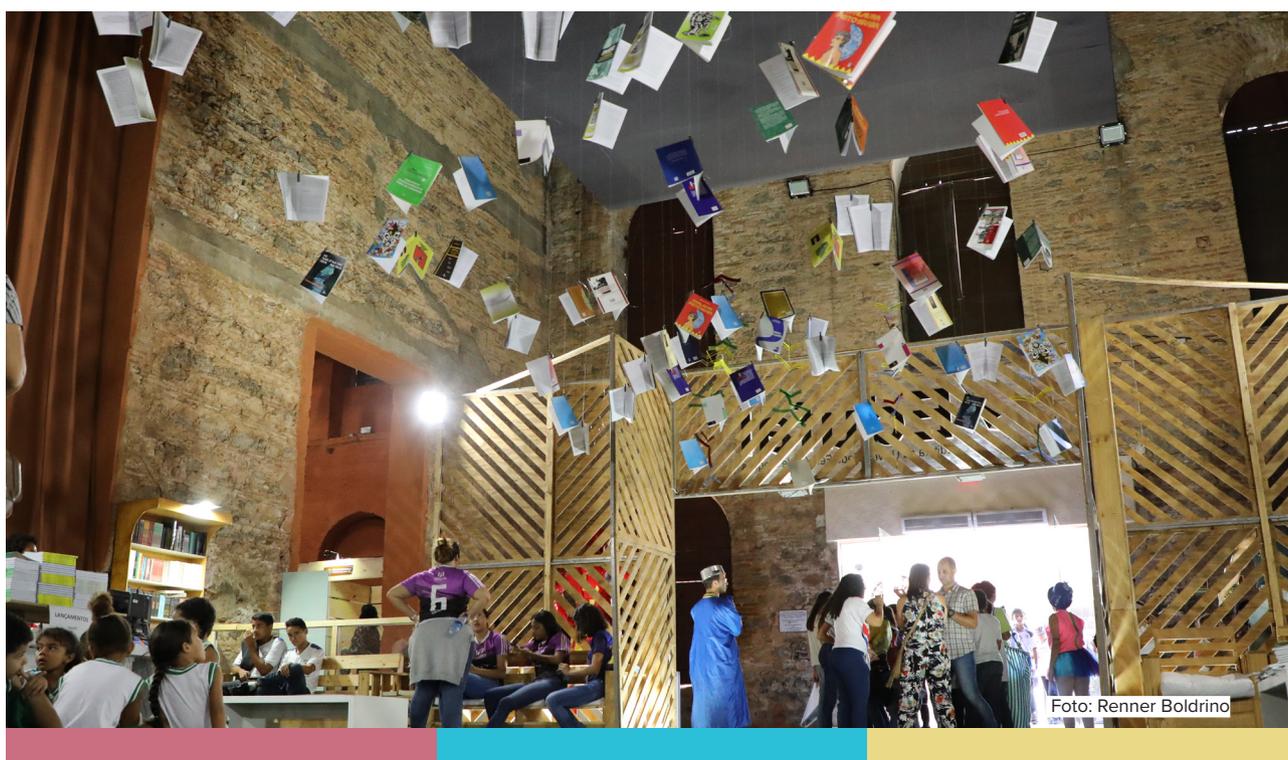


Foto: Renner Boldrino

A Praça Dois Leões, que, além de comportar, na sua área central, um palco para shows, danças e palestras, também incorporou nas áreas laterais exposições artesanais de artistas alagoanos/as e contou com o Estande da Universidade Tiradentes – UNIT, oferecendo importantes atividades de extensão, assim como o espaço de convivência e a praça da alimentação;

a Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo, que acolheu orquestras, corais, cameratas, etc. e, na sua praça, sob o abrigo de uma acolhedora e histórica árvore, contações de história, rodas de conversa e poesias;

O Espaço Armazém, coração da bienal, com a tradicional Feira de livros e praça de autógrafos, tendo a Edufal como anfitriã na coordenação de lançamentos e performances relacionadas a temas afins;

O Espaço Rex, abrigando eventos acadêmicos, artísticos, literários.

No calçadão lateral esquerdo da Associação Comercial, o estande primoroso do Sebrae, com seu traço de inovação e empreendedorismo que marcou sua participação;

a Associação Comercial, com sua escadaria, que funcionou como palco das principais atrações, além dos demais espaços disponibilizados para atividades acadêmicas, literárias e artístico-culturais, para os estandes institucionais nos salões e hall principais, tais como a Fundação Palmares, a Exposição artístico-cultural Nalô, a Academia Alagoana de Letras, abrigando demais academias de Letras do Estado de Alagoas, a Pinacoteca da Ufal, o espaço Sebrae e a Exposição Fotográfica Lagoa Manguaba; ainda, foi concedido nesse prédio histórico um salão para funcionar como gabinete da reitoria da UFAL nos dez dias da Bienal;

O Beco da Rapariga, que contou com obras das talentosas artistas que compõe a Feirinha Cool.



Foto: Manuel Henrique

Nesse “mar de cultura”, estava estampada uma beleza inédita nas reações de pessoas oriundas dos mais variados bairros e municípios, a expressarem contentamento, alegria, prazer, gratificação por estarem imersas em um cenário marcado pela cultura e memória histórica da sua cidade, do seu Estado. Foi possível escutar: “nunca imaginei que Jaraguá fosse tão lindo”; “nunca na minha vida pensei em conhecer esse palácio”, referindo-se à Associação Comercial. Nunca... já passou.

Jaraguá a Terra do Nunca, Nunca?

Discurso da Reitora



Valéria Correia
Reitora da Ufal

Foto: Renner Boldrino

A Universidade Federal de Alagoas vem, ao longo dos seus 58 anos de existência,

sendo responsável pela formação de gerações de profissionais liberais, professores, gestores, pesquisadores e artistas. Os que passam pela Ufal levam consigo a gratidão e o respeito por fazerem parte da **maior e mais consolidada instituição de ensino superior do estado de Alagoas**. Instituição que transforma vidas, realidades sociais, econômicas, garantindo a inscrição de seu legado na história de Alagoas e do Brasil, alcançando também reconhecimento internacional.

A Ufal tem ascendido o seu conceito nos **processos de avaliação recentes**, o que expressa sua qualidade acadêmica. Em 2018, esta universidade obteve conceito **“Muito Bom”** do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (INEP/MEC), por ocasião do primeiro processo de credenciamento institucional, desde a sua criação em 1961. Tal conceito atestou

a qualidade do trabalho construído e consolidado ao longo da história em diálogo com a sociedade.

Em 2019, nesta linha de ascensão da qualidade acadêmica, a **Ufal despontou entre as 11 Universidades brasileiras que passaram a integrar um importante ranking britânico**, o Times Higher Education. Neste mesmo ano, se destaca como a mais bem colocada, entre as Universidades federais, **na redução da evasão estudantil e no aumento do número de estudantes que finalizaram seus cursos**. Resultado da valorização que se imprime ao sujeito discente nesta Universidade e ao compromisso político com a Assistência Estudantil.

Seu processo de expansão tem se consolidado, de 2016 até 2019. Com esforço da gestão, 26 obras foram concluídas, perfazendo um total de 77 mil metros quadrados a mais em área construída disponibilizados para as atividades acadêmicas.

A UFAL está presente na vida do povo alago-



Foto: Manuel Henrique

ano por meio dos seus 100 cursos de Graduação e 65 Cursos de Pós-Graduação (42 Mestrados, 17 Doutorados e 6 Especializações), Cursos técnicos da Escola Técnica de Artes, e tecnológicos. Suas ações abrangem todo estado, do litoral, avança ao agreste e ao sertão alagoano, com sua estrutura de 4 Campi. Atende a mais de 30 mil alunos de graduação e pós-graduação e conta com 3.406 servidores, gera emprego direto a cerca de 800 terceirizados.

A aquisição institucional de produtos da agricultura familiar para os 05 restaurantes universitários fortalece a economia local e a soberania alimentar.

Tem um Sistema de Bibliotecas composto por 13 bibliotecas, além de uma Biblioteca Virtual Universitária que disponibiliza um acervo de livros digitais composto por milhares de títulos que abordam as diversas áreas do conhecimento.

Produz cultura e arte. **Disponibiliza para a sociedade 8 equipamentos culturais**, dentre eles, o Museu Théo Brandão, o Museu de História Natural, e a Usina Ciência que, só em 2018, beneficiaram cerca de 71.578 pessoas.

Possui o maior complexo esportivo da região Nordeste já construído em universidades, com área de mais de 47.000 m²

Apesar destes avanços e contribuições inestimáveis à sociedade, contudo, a Ufal e as demais **Universidades federais têm vivenciado um quadro de instabilidade financeira perverso**, com bloqueio orçamentário do que estava previsto na LOA 2019, seguido, depois de mobilizações e manifestações por todo país, de desbloqueio parcial.

A esse instável contexto orçamentário, somam-se as tentativas de desqualificação, por parte do Ministério da Educação, de nossas instituições públicas de Ensino Superior. Isso ocorre, por exemplo, quando acusa as universidades de promoção de “balbúrdias” ou “eventos ridículos”, ou quando se anuncia a “caça” aos docentes, sarcasticamente apelidados de “zebras gordas”. Destitui-se a universidade de seu papel singular na história brasileira, quando se afirma que ela “não é lugar para fazer festa onde morre gente, não é lugar para produzir metanfetamina e nem plantar maconha”, ou ainda, quando se fere a autonomia universitária, ao não se nomear o primeiro indicado da lista tríplice como reitor/a, a partir da escolha dos Conselhos Universitários. Neste contexto de ataques, ouvimos até mesmo que as universidades públicas não produzem pesquisa, quando estas são responsáveis por mais de 95% da produção científica do país. Entretanto e lamentavelmente, as agências públicas de fomento à pesquisa estão sofrendo cortes, a Ciência no Brasil deixa de

ser prioridade de governo e o aporte financeiro a ela dedicado torna-se escasso.

Nessa conjuntura, afinal, vale perguntar: **quem se importa com a Educação e a Ciência? Se os resultados de pesquisas são questionados**, a exemplo dos dados produzidos pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) sobre desmatamento na Amazônia e sobre as queimadas no país.

Educação e Ciência têm potencialmente uma grande capacidade transformadora. A nação que não investe nestas áreas está fadada a uma nova condição colonial, submetida à ciência e à tecnologia produzidas por outras nações, em movimento funcional ao capitalismo dependente, alimentando a riqueza internacional. Florestan Fernandes, em seus estudos sobre a economia capitalista dependente, afirma que esta, por si só, aprofunda a própria dependência, não conduz à emancipação e a uma efetiva soberania nacional.

Ancorada na contribuição do italiano Antonio Gramsci, afirmamos a vinculação da ciência às “necessidades, à vida, à atividade do homem” (p.174). E assim, o progresso da ciência está organicamente imbricado à história da humanidade. Neste sentido, para além do aperfeiçoamento de instrumentos e do

método, cabe à ciência, incessantemente, percorrer o caminho desconhecimento-conhecimento-desconhecimento. A ciência deve ser concebida como uma “categoria histórica, um movimento em contínua evolução” (p.174) pela transformação da realidade de homens e mulheres, em todo tempo e espaço.

“As universidades públicas são responsáveis por mais de 95% da produção científica do país.”

Liberdade e autonomia na produção científica são essenciais para a função civilizatória da Ciência e da Universidade.

Nesta direção, segue a brilhante definição de Universidade expressa pelo professor Gilberto de Macedo no livro “Universidade Dialética”, publicado em 1985: “A Universidade autêntica é reflexiva, compreensiva, criadora. Isso mostra logo que ela não é acomodada, passiva ou omissa. Mas crítica, ao permitir o conhecimento, dos homens [e das mulheres] e das coisas através do pensamento dialético [...]” (MACEDO, 1985).

Entretanto, na direção contrária, observamos uma tendência ao Anti-intelectualismo, ao antico-



nhecimento, à anticiência, e ao recrudescimento do conservadorismo, com tentativas de imposição de um pensamento único. Movimentos autoritários expressos nas **perseguições a pesquisadores, ataques às Universidades**, como nas propostas da Escola sem Partido; do fim da Filosofia e da Sociologia nas Universidades e nas Escolas; da militarização das escolas públicas.

É neste palco de acontecimentos que a Ufal realiza a **9ª edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas, com o tema “Livro Aberto – Leitura, Liberdade e Autonomia”**, e reafirma a importância da leitura, da educação, do conhecimento, da ciência, da cultura e da arte, como fundamentais para uma sociedade mais humana, mais desenvolvida, menos desigual.

O tema da Bienal chama a atenção para o **ato de ler que liberta e torna as pessoas autônomas e críticas** – perspectiva de leitura que somente pode prosperar em um ambiente democrático e de garantia de liberdade de expressão e de cátedra nas Universidades, como propugna a Constituição Cidadã de 1988.

A Bienal do Internacional do Livro de Alagoas é a **única bienal promovida por uma Universidade federal, totalmente gratuita**, que se consagra ao longo dos anos como o maior evento literário do Estado, e, nesta 9ª edição, nos chama a mergulhar na história de Alagoas, nos prédios históricos de

Maceió, unindo história, cultura e arte no belo e tradicional bairro de Jaraguá.

História apresentada nas obras de Dirceu Lindoso, que partiu este ano, tão recentemente, e foi homenageado na edição passada da Bienal, junto com os professores Élcio Verçosa e Sávio de Almeida, por suas relevantes contribuições à história e à educação de Alagoas. Dirceu Lindoso, Doutor Honoris Causa da UFAL, deixa seu legado nos livros que fazem crítica contundente sobre nossa tradição cultural, dando luz à história dos negros, indígenas e operários.

Nesta nona edição, a Bienal faz três blocos de homenagens: **a Moçambique**, país africano; **às vítimas da ditadura militar**; e **às mulheres** que fazem a história deste estado a partir de suas lutas por melhores condições de vida e de trabalho, no campo e na cidade. Estas homenagens imprimem sentidos especiais à nona edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

“ **A Educação e Ciência têm potencialmente uma grande capacidade transformadora** ”

Homenagear **Moçambique** é também “uma homenagem a toda a África, por tudo o que o continente representa no processo de construção histórica e identitária do nosso país. Será ressaltada a riqueza



Foto: Thiago Prado



Foto: Blenda Machado

literária, artística e acadêmica moçambicana.” É fazer um reparo histórico ao período em que negras e negros foram arrancados da África e escravizados no Brasil. É trazer à tona o tema da violência contra negras e negros que ainda persiste, clamando urgente reversão histórica. O Atlas da Violência, estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostra, em sua mais nova edição, que 75,5% das vítimas de homicídio no País são negras, maior proporção da última década. À propósito: **quem mandou matar Marielle Franco?**

A homenagem às vítimas da ditadura em Alagoas quer lembrar, nesta Bienal, a necessidade de reafirmar o Estado democrático de direito, a liberdade de expressão, para que não esqueçamos, por um momento sequer, os tempos sombrios de censura, tortura, morte e violação aos direitos humanos.

Significa dizer ditadura nunca mais! Principalmente, quando se tem feito apologia ao crime de tortura e quando existem tentativas de ressignificar este fato histórico brutal, como forma de manipulação da realidade. Em 29 de março de 2019, a justiça proibiu as comemorações alusivas aos 55 anos da instituição do regime militar. O Ministério Público Federal, em Nota, considerou festejar esta data como crime de responsabilidade, incompatível com o Estado Democrático de Direito, afirmando que o regime militar “adotou políticas de violações sistemáticas aos direitos humanos e cometeu crimes internacionais [...]” (Nota MPF, de 26/03/19). A apologia à ditadura também se deu no comentário recente do presidente sobre a morte do pai da alta Comissária da ONU, Michelle Bachelet, durante a ditadura de Pinochet no Chile. Ainda nas suas lastimáveis palavras comentando a morte do pai do atual presidente da OAB, Filipe Santa Cruz. **Vamos reafirmar com toda nossa**



Foto: Blenda Machado

força: Ditadura nunca mais! Censura nunca mais!

O terceiro bloco de homenagens é às mulheres lutadoras, que, muitas vezes, são invisibilizadas pela sociedade, mas – sabemos e queremos destacar – que contribuem definitivamente com a história de Alagoas a partir dos interesses das mulheres oprimidas. Esta homenagem põe em evidência e valoriza as mulheres marisqueiras, trabalhadoras rurais sem terra, indígenas, quilombolas, sem teto, e de religião de matriz africana. Especialmente, no contexto da cultura ao estupro e à misoginia, nutrida pelos que vêm de cima.

Ao final, vale lembrar que esta casa, a Associação Comercial, nunca se apartou dos ideais do seu primeiro presidente, José Joaquim de Oliveira, um abolicionista e propagador do pensamento libertário, concorrendo para que, à época, nenhum dirigente publicamente escravagista tivesse assento na presidência. De acordo com o historiador Benedito Ramos, esta associação é uma **“instituição política, no entanto apartidária, democrática e livre para permitir que seus dirigentes escolham o seu próprio caminho”**.

Sim: os Livros seguirão abertos e acessíveis,

a Leitura alimentará nosso pensamento sobre o mundo, a Liberdade e a Autonomia prevalecerão para a vida humanamente plena, e Alagoas, a **“estrela radiosa”**, da bienal se irradiará para iluminar o Brasil e o mundo!

Enfim, esta Bienal nos convoca à defesa da educação, da Universidade, da ciência, da cultura, da arte e da liberdade! Pois somos da terra de Dandara e Zumbi dos Palmares, Artur Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, Élcio Verçosa, Gilberto de Macedo, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Nise da Silveira, Octávio Brandão, Théo Brandão, Newton Sucupira, e de tantos outros homens e mulheres que orgulham o nosso povo!

Viva a Leitura! Viva a Liberdade e a Autonomia!
Viva Alagoas! Viva a soberania da nossa gente e do nosso País! ■

Valéria Correia
Reitora da Ufal



Foto: Manuel Henrique

Bosque MOÇAMBIQUE

No Dia Nacional da Natureza, mudas foram plantadas no Campus A. C. Simões, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), dando origem a uma área verde denominada Bosque Moçambique, anexo ao Centro de Interesse Comunitário (CIC).

Bienal do livro de Alagoas levou a população ao bairro histórico do Jaraguá



Foto: Renner Boldrino

O evento que deu visibilidade a um espaço que havia sido esquecido pela população

A 9ª edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas surpreendeu a todos com a realização do evento no bairro histórico do Jaraguá. Com músicas, culturas, histórias e muita beleza, o bairro foi palco e ao mesmo tempo personagem principal deste grande evento. As ruas que estavam esquecidas, foram ocupadas com intervenções artísticas e pelo povo, que se encantou com a bela arquitetura e a grandiosidade da festa que se tornou a Bienal. Além

do Espaço Armazém, onde ficaram os stands para a venda dos livros e os lançamentos das obras, várias atividades aconteceram em todo o bairro.

A Associação Comercial foi um dos destaques. A imponência do prédio foi ressaltada pela iluminação, tornando-se cenário para as fotos. Falando em fotos, cada pedacinho do Jaraguá encantou a população. Ao percorrer os espaços, era comum encontrar pessoas registrando cada momento. O bairro, geralmente evitado por ser pouco movimentado e propenso aos assaltos, demonstrou que é seguro, quando é ocupado. A estudante Catherine Passos mora em Maceió há dez anos e ainda não

conhecia o Jaraguá. Ela participou de seis dias desta edição da Bienal do livro e ficou deslumbrada com a beleza do local.

“Esse ano foi muito melhor que nos anos anteriores porque teve essa questão da democratização do espaço e pessoas que só estavam passando por aqui se interessaram e vieram conhecer. Além disso acho que foi bem distribuído porque deu pra conhecer o bairro todo, não ficou bem centralizado em um só lugar. Eu nunca tinha andado aqui porque tem a questão do preconceito de o bairro não ser seguro e agora com tanta gente e com policiamento dá para andar tranquilamente”, contou Catherine.



Foto: Renner Boldrino

O estudante de Psicologia, Wilames Costa gostou tanto desta edição do Jaraguá que veio quase em todos os dias. Também participou de várias oficinas e atrações musicais. Segundo ele, essa bienal foi histórica e fará parte dos livros. Ele destaca que depois do povo se apropriar dessas ruas, não tem como a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) organizá-la nos próximos anos de outra forma. “Adorei, o evento foi maravilhoso, a energia incrível e esta bienal com certeza entrará para todos os livros de história, o que aconteceu foi um marco, principalmente com a nossa reitora estando presente sempre”, declarou.

A Bienal do Livro de Alagoas é a única no Brasil totalmente gratuita e organizada por uma universidade pública. Os estudantes da instituição atuaram como monitores no evento. O graduando em Jornalismo, Maykson Douglas já tinha participado em outras edições no apoio às escolas públicas do Estado que agendam visitas. Ele gosta de estar em contato

direto com o público e prestou apoio aos estudantes que vieram de todas as partes do estado.

Com a bienal acontecendo num estilo diferente e ocupando as ruas do histórico bairro de Jaraguá, achei bem mais acessível e democrático, pois se aproxima da sociedade, e eu defendo que a universidade faça isso sempre, pois acredito que é ao povo a quem ela deve servir”, afirmou o estudante de Jornalismo.

A aposentada Cleide Alves, de 69 anos trouxe filhos e netos para conhecer o evento no Jaraguá. Ela já conhecia o bairro e achou ótima a iniciativa de tirar a Bienal do seu antigo espaço para movimentar essa parte da capital. “Revitalizou o bairro que estava tão esquecido e precisa realmente de muitos eventos desse porte”, disse a aposentada.

Considerado um dos maiores eventos literários e culturais de Alagoas, a Bienal incentivou também o comércio. Os restau-

rantes e os food trucks com várias opções de comidas facilitaram a alimentação para quem passou horas caminhando pelo evento.

A venda de livros também foi muito boa. Para a atendente odontológica Élia Costa que já trabalhou por vários anos nos stands, foi uma chance de conhecer pessoas e obras. “é uma oportunidade de ver vários autores, tanto alagoanos como de outros lugares. O público compareceu e comprou bastante”, relatou.

As redes sociais da Bienal do Livro e da Ufal foram canais para a população deixar suas opiniões sobre esta edição. O professor João David Alves, de Delmiro Gouveia registrou sua admiração pelo evento. “Foi minha primeira Bienal de muitas. E não poderia ser mais especial do que ser em Alagoas. Terra que vivo e amo. Foi lindo conhecer o Jaraguá. Foi lindo o que vivi hoje”, declarou o professor que visitou o espaço na manhã do penúltimo dia. ■

A 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, nas ruas do Jaraguá, repercutiu muito bem em vários setores da sociedade. Algumas opiniões sobre o grande evento foram registradas em artigos. Confira!



Foto: Renner Boldrino

A Bienal da Resistência

Por: Otávio Cabral*

A Universidade Federal de Alagoas proporcionou a todos os que compareceram à 9ª Bienal Internacional do Livro, no período de 1º a 10/11/19, a oportunidade de consumir um dos produtos mais detestados e perseguidos pelo atual governo: os bens culturais.

Frequentei a Bienal tanto para participar artisticamente quanto para frequentar e usufruir da beleza do bairro de Jaraguá, inteiramente tomado pela juventude, ávida por consumir o que ali estava sendo oferecido. O mais gratificante é que naquela rua, com seus armazéns e casarões antigos, encontrava-se uma juventude à cata de livros, numa cidade onde as livrarias estão fechando. Além das ofertas culturais, que eram muitas, ainda foi possível se usufruir, na escadaria da Associação Comercial, com seu estilo neoclássico, edificado pela burguesia comercial como demonstração do poder econômico, das mesas temáticas, que deram o tom de resistência política.

Não tenho dúvida de que esta Bienal se inscreve como a mais bela e mais charmosa, justamente por valorizar o tradicional bairro portuário, tão bonito, mas ao mesmo tempo tão esquecido e tão carente de uma revitalização. Creio que a partir de agora, dois fatos ficarão evidentes: o primeiro diz respeito à Universidade, que doravante não poderá realizar as futuras bienais em outro local que não naquele bairro; o segundo foi demonstrar para o município o potencial do local e a necessidade de se realizar mais ações culturais naquela localidade.



É sempre muito bonito e bom ver o povo nas ruas, portanto, quanto mais se propuserem ações que o coloquem nas ruas, mais se exercitará o verdadeiro significado da palavra cidadania. Nesse sentido, a nossa universidade deu uma lição não apenas de cidadania, mas de democracia e de respeito às liberdades individuais. Particularmente, vivenciei três momentos importantes e emocionantes: o primeiro, quando realizei juntamente com a atriz Ticiane Simões, e com a participação das instrumentistas Miran Abs no violoncelo e Manu Preta no atabaque, o recital de poesia moçambicana.

Foi um momento de rara beleza e emoção porque estávamos disponibilizando uma pequena mostra da bela poesia do continente africano, com o qual temos uma imensa dívida, recheada de dor, injustiça e covardia, e que se estende até hoje através de nossos irmãos negros. O segundo momento, quando na mesa Memória, Verdade e Justiça li a carta do Sr. Manoel Simplício, pai do desa-

parecido político Jaime Miranda, dirigida ao Presidente da República e ao Ministro da Justiça e reivindicando o direito de, antes de morrer, enterrar seu filho. Foi particularmente difícil interpretar a carta, justamente por me trazer à memória os fatos vividos por nove longos dias na busca ao corpo do meu filho, assassinado pela impunidade, pela desigualdade e pela violência urbana. O terceiro foi quando presenciei o mar de gente tomando conta da rua, a partir das escadarias, para ouvir a lição de democracia, de crença no ser humano, e de respeito à diferença, pela ex-candidata a vice-presidente da república, Manuela D'Ávila.

Por todas essas razões, a atual gestão, e principalmente aqueles que conduziram a 9ª Bienal Internacional do Livro, lega para a posteridade esse evento como sendo a Bienal da Resistência. ■

* Ator, professor do curso Teatro Licenciatura e vice-diretor do ICHCA

Bienal, bienal?

Por: Manoel Pinto*



Foto: Renner Boldrino

O Jaraguá não precisa ser revitalizado! Vida é o que mais se tem em cada canto do nosso bairro.

É com esta frase que inicio nosso breve encontro e bate-papo. Mas, não vim aqui para lhe falar do Jaraguá, única e simplesmente. Não! Meu objetivo aqui é, até o final desta nossa conversa, escrevermos (juntos) um verdadeiro pot-pourri de sentimentos. Vamos lá?!

Ah.... Antes preciso lhe dizer que minha musa inspiradora é você. E sabes onde te reconheci e decidi por gritar meu amor por ti? Na Bienal que teve em nossa cidade (Maceió).

Muito mais do que acessibili-

dade à cultura e à leitura, a Bienal do Livro de Alagoas de 2019 nos reconectou. Nesta última edição vivenciamos (bem juntinhos) um ressignificar de nossa história, da nossa ancestralidade, um momento de apropriação afetiva de nossos espaços e, tudo isso, de forma leve, democrática e intensa.

Ao te ver pelas ruas, em meio ao mar de diversidade que ali se encontrava, entendi quando dizem que tu és liberdade formosa. Salve! E, bem ali, pelas ruas do Jaraguá, envolvido por livros, danças e músicas, que entendi o quanto tenho de você em mim. Pertencimento! Não estava preparado. Como poderia imaginar que durante ao maior evento literário, cultural e social que temos, em um verdadeiro pastoril de gente, eu iria te reconhecer?

Sabes quando estás apaixonada, que, para cada lugar que olhe, você enxerga quem você deseja? Pois bem.... Este fui eu em meio a Bienal. Te encontrando em cada situação. Nossa.... Como a Bienal me provocou a te amar. Como a Bienal me fez te reconhecer em cada pedaço, canto e rosto. Me questionei diversas vezes: Por que isto agora? O que houve?

Foi quando eu entendi que nossa relação afetiva é intensa, visceral e antiga. Apenas estava abafada.... Escondida. Quando um evento como a Bienal promove este despertar, tudo que está ao redor e na mesma intensidade, deixa de ser desse ou daquele e passa a ser um sentimento de todos. E, é neste momento que entendo que meu bem querer não é segredo, mas, é sagrado. Enfim.... Eu decido por te



amor, minha Alagoas!

Não! Não estou romantizando nada aqui.

Sim! Estou falando de Amor. E não existe nada mais revolucionário que este sentimento. Amar é agir para que o outro possa ser em liberdade.

Obrigado, Ufal!

Obrigado, Edufal!

Obrigado, Bienal!

Obrigado por nos transcender deste hic et unum que vivemos. Por ressignificar nossa lente social. Por pulverizar Alagoas em cada um dos corações que ali pôde estar. Por democratizar nossa história. E, assim como feito ao Jaraguá, ocupando seus espaços vivos, vocês provocaram algo

único em nosso estado.... O autocohecimento do saber coletivo, do bem comum e do desenvolvimento do humano (reconhecendo-se como tal).

Esta Bienal foi um serviço social de alto impacto. E, por isso, sua nomenclatura hoje necessita ser repensada. Como algo tão importante e necessário para todos os alagoanos pode ter uma frequência tão espaçada? Por que não, semestral? Por que, ao menos, anual? Por que não termos 'pílulas da Bienal' trimestralmente? Estou aqui jogando ideias e provocações.

Mas, independentemente de qualquer decisão ligada a isto, vocês criaram nesta edição, algo imune a qualquer tipo de situação política e antiquada, gerando um momento riquíssimo de pertencimento entre Alagoas e nós, seus

filhos.

Ver o alagoano, democraticamente, sentir algo seu com verdade, experimentar com saudade e projetar com esperança, despossuindo-se de inverdades para, assim, perceber sua real história, é algo único e que vocês realizaram.

Mais uma vez, gratidão por tudo! Afinal de contas.... Não há quem não morra de amores pelo meu lugar. ■

** Manoel Pinto Administrador de empresas formado pela Estácio de Sá, especialista em Inovação pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), Especialista em Futurismo e Criatividade pela Singularity University, empreendedor social, empresário e palestrante.*

Bienal na rua, nos becos, debaixo do sol e da lua

Por: Enio Lins*

Quando as professoras-doutoras Valéria e Elvira, esta diretoria da Edufal e aquela Reitora, vieram com a ideia da IX Bienal do Livro ser realizada no bairro de Jaraguá, confesso ter tido certa dúvida, algum temor.

Magnífica a sacada da reitora e da diretora, mas daria certo na prática?

Me recordei da primeira Bienal, então chamada do Livro e da Arte. Ocupou as instalações do Iate Clube Pajussara (com ss), sob a batuta da Edufal pilotada pela professora Leda Almeida. Daí em diante, passou pelo Clube Fênix Alagoana, por um conjunto de tendas montadas na praia de Pajuçara (com ç) e se instalou – aparentemente para sempre – sob a grandeza do Centro de Convenções. Em todas essas experiências, todas vitoriosas, a bienal tinha 100% de teto. Isso garantia ampla movimentação matutina e vespertina, sem dar a mínima para o máximo de calor do sol de verão. A garotada, grande trunfo da Bienal, circulava com desenvoltura pela manhã e pela tarde, em excursões culturais promovidas pelas escolas públicas e privadas. Aquela multidão em múltiplas fardas sempre marcou, foi característica própria, reafirmação na esperança de um futuro melhor. A cada dois anos a cena alvissareira se repetia, enchendo olhos e ouvidos com as cores e sons da alegria de um leitorado juvenil e gigantesco. Isso se repetiria debaixo do solzão de novembro? Como ficariam as ruas

de Jaraguá em pleno começo do verão tropicaliente?

Ah, Jaraguá topou de gente de todas as idades o tempo todo. Dez dias de calor cultural.

Em todas as horas, ruas e casas cheias. Filas intermináveis para entrar no Armazém principal, filas em todos os endereços. Palestras concorridas, sessões de autógrafos mais assemelhadas a dia de feira em tempo de liquidação de estoque. Livros sendo vendidos mais que peixe em Semana Santa.

A Bienal de Jaraguá marcou época! Veio para ficar, chegou para transformar – era ótima ficou espetacular. Espetáculo do saber, afeição pelo conhecimento. E mais, a população ganhou as ruas do velho bairro com posturas de afirmação, de combate aos preconceitos, de enfrentamento à censura. Casais do mesmo gênero desfilavam de mãos dadas, pessoas de todas as cores, todas as idades, (quase) todas as ideologias se abraçavam, confraternizavam-se como num ano-novo da sabedoria. Belos dias e noites!

Números, não os sei ainda. Mas até acho secundária a precisão quantitativa frente à grandeza qualitativa testemunhada in loco.

Um das cenas mais marcantes, a meu olhar, foi constatar a multidão entupindo a rua Sá e Albuquerque, parte dela sob o sol nada camarada das 14, 15 horas de um domingo, esperando o momento de ouvir a comuna

Manuela D'Ávila falar sobre feminismo, comportamento, política e ideologia. Num tempo no qual se endeusa redes sociais, fake News, menos de 20 caracteres para supor uma mensagem ser eficiente, nesse tempo um tanto quanto kafkiano e de culto à ignorância e intolerância, testemunhar milhares de pessoas sob o sol prestando atenção a um discurso ousado e contestador foi algo capaz de recarregar todas as baterias.

Evoé Bienal do Livro de Alagoas!!!

Pensando bem, Bienal já era – o sucesso estrondoso da versão 2019 indica ter chegado o tempo da Anual. Anual do Livro de Alagoas, pois a ânsia pelo saber é muito grande. O futuro, melhor e mais culto, está querendo chegar. ■

**Jornalista, Chargista, Secretário de Estado da Comunicação, Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Exerceu os seguintes cargos: Presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFAL, Diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Alagoas, Vereador por Maceió, Secretário Municipal de Cultura de Maceió, Secretário Estadual de Cultura de Alagoas, Diretor Cultural da Associação Comercial de Maceió, Presidente do Iteal (Rádio e TV Educativa), Editor-Adjunto da Gazeta de Alagoas, Coordenador Editorial da Organização Arnon de Mello.*

Lute como uma Bienal

Por: Cármen Lúcia Dantas*



Foto: Renner Boldrino

A IX Bienal extrapolou expectativas. Surpreendeu não apenas pela proporção e escala do espaço, mas pela circulação de sentidos que ocuparam e tomaram conta de Jaraguá, durante 10 dias. Somados, a sensibilidade da organização e o engajamento maciço do público confirmam: lugar de cultura é na rua.

O evento provou que não há limites para o exercício pleno da cultura e da interação entre pessoas de diferentes idades e de todos os gêneros. Ao apostar no modelo extramuros, descartou-se o óbvio. A aposta na integração entre leitura, história, arte, espaço urbano e identidade resultou em acerto e ousadia.

Juntos, Bienal e povo, mostraram que Jaraguá está vivo. Respira a céu aberto. Permanece como reduto de arte e de resistência intelectual. A ocupação por livros e pessoas tem efeito de marco na possível retomada do bairro e no respeito à sua vocação cultural e

boêmia.

Em tempos de políticas totalitárias e de apagamento social, as ruas do bairro histórico transformaram-se em meio de vazão e fluidez democrática. Fluxos de pessoas, afetos, poesias e prosas jorraram da Rua Sá e Albuquerque em direção a cantos e espaços esquecidos. Havia alegria em se festejar o livro, como produto necessário, possível e livre de qualquer censura.

O sentido de pertencimento foi recuperado no imaginário de cada um de nós. Livros assumiram o efeito de acendedores de lampiões e, espalhados por toda parte, iluminaram uma outra ideia do lugar Jaraguá e atualizaram com sucesso as configurações de Bairro e de Universidade.

Lutar como uma Bienal, reduto de estímulo à leitura e ao conhecimento, significa resistir. Resistir com equidade e acolhimento. Resistência evocada pelas mãos

dadas, pelo respeito às diferenças em todas as possibilidades de gênero, etnoraciais e de crenças. Livros e pessoas ocuparam ruas e passeios. Botamos nossos corpos políticos em evidência e cirandamos entre Valérias, Elviras, Lídias, Lígias, Anastácios, e enxergamos a possibilidade de um mundo mais pacífico e generoso.

Tamanha potência ficou em cada uma e em cada um de nós. Ninguém soltou a mão de ninguém. E assim será. Não aceitaremos nenhum livro a menos.

A resistência é o legado da IX Bienal do Livro de Alagoas. Resistiremos, sempre! ■

** Cármen Lúcia Dantas é alagoana de Penedo, museóloga, mestra em literatura e profa. aposentada da UFAL. Autora de vários livros sobre a cultura de Alagoas, dirigiu por vários anos o Museu Théo Brandão e foi superintendente do IPHAN-AL.*

Ciência e Educação para Alagoas avançar

Por: Fabio Guedes Gomes*

O historiador Sávio Almeida no lançamento de seus recentes livros destacou: “Jamais foi visto na história recente de Alagoas um movimento editorial de livros como esse que estamos testemunhando”. Essa frase destaca o auspicioso período para as áreas das ciências e literatura nas terras caetés, apesar de um cenário tão adverso para o conhecimento e intelectualidade. Alagoas resiste, a pequenina terra de Nise de Oliveira, José Marques de Melo, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Ledo Ivo e tantos outros não se dobra aos movimentos obscurantistas. É gigante em atitudes.

Nesse sentido, dois grandes eventos foram exemplos. Mostraram a capacidade de Alagoas e, especialmente, da Universidade Federal, promover grandiosos momentos, que reafirmam nossas identidades, revelam potencialidades e fortalecem o espírito de transformação pela educação e justiça social.

O primeiro deles, a 70ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, entre os dias 22 e 28 de julho de 2018. Durante uma semana a UFAL foi o centro nacional da ciência, tecnologia e inovação. Ela abriu seus braços para receber a sociedade alagoana. A grande maioria da população que lhe visitou durante a semana, jamais tinha colocado seus pés numa instituição pública de ensino superior. Com o tema Ciência, Responsabilidade Social e Soberania, a

70ª SBPC aconteceu no momento que o estado tem sido privilegiado como um dos principais destinos à realização de importantes e grandes eventos científicos, acadêmicos e tecnológicos do país.

Em seguida veio a 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Ao contrário da SBPC, desta vez a UFAL foi ao encontro dos braços do povo. Entre o 1º a 10 de novembro, o histórico e bucólico bairro do Jaraguá atraiu milhares de pessoas, famílias, estudantes, intelectuais etc. que pelas ruas desfilavam alegria e o interesse pela leitura, liberdade de imaginação e pensamento, e autonomia nos comportamentos e formas de expressão. A interação entre o público e os temas de sua edição, alcançou a plenitude e Jaraguá, de fato, tornou-se um livro aberto no sentido figurado.

A 9ª Bienal chamou atenção por vários aspectos. Entre eles, destaca-se que mesmo com o avanço da modernidade, as ruas ainda encantam quando por elas as pessoas se encontram e revivem ou descobrem o passado, ao contemplar e visitar as antigas construções. O caldo de cultura, saber e liberdade de expressão fizeram da Bienal do Livro um evento inesquecível. Assim como a 70ª SBPC, deixará marcas na memória, especialmente das crianças e jovens.

O sentimento de satisfação da sociedade alagoana que compareceu e saboreou esses dois magníficos e históricos momentos, revela

que o caminho mais auspicioso para Alagoas encontrar maior justiça social, passa, necessariamente, pelo desenvolvimento da educação, ciência, tecnologia e inovação.

Parafraseando o mestre Sávio de Almeida, talvez Alagoas jamais tenha visto em sua história uma confluência tão importante e estratégica de interesses entre instituições, pessoas e gestores que dão um significado ainda maior à estrada que devemos percorrer com mais segurança. Através desses dois eventos, instituições públicas e de Estado como a UFAL e a Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas – FAPEAL, saem muito mais fortalecidas e se mostram como referências, social e economicamente, para o desenvolvimento do estado. ■

**Doutor em Administração pelo Núcleo de Pós-Graduação em Administração (NPGA) da Universidade Federal da Bahia (2007), É professor da Graduação e Mestrado em Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEAC) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Diretor-Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) desde janeiro de 2015. Vice-Presidente do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (CONFAP) desde março de 2019*

A Bienal do Livro que despertou Jaraguá

Por: Benedito Ramos*

Caso não tivesse participado da reunião entre o presidente da Associação Comercial de Maceió, Kennedy Calheiros e a Reitora da Universidade Federal de Alagoas Maria Valéria Costa Correia com sua equipe, não acreditaria nas ideias, quase utopias, que foram tratadas sobre a instalação da 7ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Contudo, como um defensor de plantão do Bairro de Jaraguá, tinha certeza da materialização do projeto, embora me preocupasse com a mobilização do público para preencher o vazio de ruas, largos, praças, becos e vielas desse sítio histórico que tanto amo.

Para um espaço urbano que vive adormecido no esquecimento público, mesmo sendo morada da

Casa Legislativa e Gabinete do Executivo municipais, Jaraguá precisava, realmente, desse farol que, além de proporcionar maior visibilidade ao bairro, permitiu que se avaliasse o seu potencial empreendedor. Afinal, se trata de uma das últimas reservas urbanas, mais próxima da área metropolitana, com amplas possibilidades comerciais e habitacionais, que por alguma razão fenece, sem ser, devidamente, aproveitada.

Com mais de 300 mil visitantes e participação de 900 escolas, a Bienal do Livro quebrou o paradigma da centralização das atividades, num único espaço como estratégia para a formação de público. Um bairro inteiro dividido por setores permitiu a ampliação das atividades de comércio,

conhecimento e, sobretudo, as apresentações lúdicas, culturais e artísticas. Acrescentando, como última atração, o carnaval de encerramento com o bloco Filhinhos da Mamãe.

O Palácio do Comércio, a sede da Associação Comercial de Maceió, funcionou como um quartel-general dos maiores eventos, conferências, muitas delas superlativas, a ponto da escadaria da porta principal ser usada como palco, enquanto o grande público se espalhava ao redor da Rua Sá e Albuquerque. Momentos de apoteose que reverberam até hoje nas mentes dos espectadores. Mais ainda, a programação solidária com escolas especiais, que se revezava com apresentações culturais do folguedo alagoano. Tudo



Foto: Renner Boldrino



Foto: Renner Boldrino

isso no palco da escadaria, que em alguns momentos, mais parecia a Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles, onde cada um procurava um lugar para se apoiar e assistir. Ainda assim, um corredor humano tinha que se abrir em diversos momentos, para permitir o acesso de estudantes até o interior do palácio, onde outras atividades aconteciam simultaneamente. Sem esquecer, do alumbramento das pessoas que não conheciam a paisagem urbana de Jaraguá, sobretudo, ter entrado no Palácio do Comércio ou no Museu da Imagem e do Som.

Mais de 60 novos livros foram lançados durante a Bienal entre o Stand das Academias e o Arquivo Público de Alagoas. Alguns com verdadeiras multidões em torno do autor. Não estamos falando apenas do lado intelectual e

cultural da Bienal, mas, do fluxo comercial que foi gerado dessas oportunidades. Imagine, se o bairro, dotado de estacionamento tão amplo, tivesse uma grande e boa livraria. A questão é que isso tudo poderia ser transformado num grande Shopping, diversificado de produtos para atrair todo o tipo de consumidor. O bairro mostrou que tem potencial para se transformar num amplo comércio, como já foi.

Durante esses dez dias, a Bienal do Livro fez Jaraguá despertar para a vida, em meio ao burburinho de gente, entre 10 da manhã até às 22 horas, circulando pelas suas ruas. Quantos pequenos empreendedores ganharam com essa movimentação? Quanta gente recebeu remuneração por um trabalho temporário? Quanto dinheiro circulou na cidade? Nessa

dinâmica de negócios, o produto e o serviço foram moedas de troca na atividade cultural, coisa imperceptível na atual conjuntura do país como um freio nos financiamentos e patrocínios do setor. A 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas mostrou o que representa a atividade cultural num dos últimos territórios do Índice de Desenvolvimento Humano nacional. ■

**Escritor, historiador, crítico de arte e coordenador da ação cultural da Associação Comercial de Maceió. Tem livros publicados a partir de 1974 Colaborador d'o Jornal, sexta-feira - Crônicas e domingos - Contos.*

BIENAR

Por: Joelma Albuquerque, Pró-Reitora de extensão*

Venho a público me arriscar na aventura de escrever sobre as minhas impressões a respeito dos dez dias da 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, os quais fizeram vibrar intensamente o coração dos alagoanos e das alagoanas que por ali passaram. Apresento o registro, ainda que limitado, do excedente que não coube no meu coração, porque foram dias de muita alegria! Teve muito choro, eu me emocionei muito, e vi diversas pessoas se emocionando também. Por isso escrevo. Foi forte, foi potente, pulsou. Fortaleceu amizades, promoveu encontros. As ruas de Jaraguá se inundaram com um mar de gente movida por livros até aquele espaço (vejam que interessante!), e em tempos de “cybercultura”, o estar presente não é um dado aleatório. O registro é, portanto, fruto das minhas passagens pelas ruas e prédios de Jaraguá entre os dias 01 e 10 de novembro de 2019, movida pelas variadas proposições de programações de uma Bienal singularmente realizada por uma Universidade, que tem a missão de “prezar por sua liberdade e autonomia, contribuindo para alimentar o pensamento sobre o mundo”, como afirmou nossa Magnífica “Valéria-Valente” em seu imprescindível e emocionante discurso de abertura. Entre as pilastras do imponente prédio da Associação Comercial de Maceió, foi que dezenas se emocionaram também, ao ver sair das suas entranhas, alfaias, agogôs, caixas e xeque-rês do coletivo Afrocaeté, que se sintonizaram com a emoção que aquelas palavras provocaram, embalando um lindo cortejo que

foi ao encontro do portal que nos transportaria para essa mágica semana de intensas atividades em torno desses objetos que se encontravam do outro lado da porta – os ansiosos livros! E logo que as portas do armazém se abriram, fomos cobertos por uma chuva deles... Um prenúncio do batismo do novo formato da Bienal pelos quase 300 mil visitantes, desejosos que ela permanecesse ali, linda, do jeito que estava. E da chuva de livros saltaram as personagens que se integraram ao cenário misturando-se com os personagens das histórias do presente, pois é fato, queridos leitores, esta edição se firmou como a mais amada das Bienais do Livro, e por isso já faz parte da história de Alagoas. Os nossos personagens, não somente os fantasiados que povoaram a imaginação das pessoas, mas cada pessoa real que ocupou as ruas e os prédios históricos públicos do bairro, compuseram a cena formada na subjetividade de todos que contribuíram para que Jaraguá revivesse por dez dias, assim como numa (re)contação de sua história, seu apogeu como centro cultural da cidade. Bom, mas uma vez instalada na Rua Sá e Albuquerque, o arquivo público, o IPHAN, o Museu da Imagem e do Som, os armazéns, becos, bares, cafés e a Associação Comercial foram saindo do quase silêncio cotidiano, e sendo sistematicamente devolvidos ao povo alagoano sob a mediação da leitura, da arte, da cultura popular e científica. Com isso, o estranhamento imposto por anos se quebrou! Vi tantos modelos a posar para fotografias nos belos

cenários daquele conjunto arquitetônico e, a cada foto, eu sorria pensando sobre como foi bom ver as pessoas tomando aquele espaço para si.

Nossa convidada Manuela D’ávila discorreu sobre a necessidade de nos comunicarmos com uma linguagem que aproxima as pessoas. E surpreendentemente, a arte, a literatura, a ciência comunicaram tanto com a população que, a cada dia que se passava, mais e mais pessoas passavam a vir diariamente desfrutar do seu pedaço de Alagoas que nunca fora tão bem ofertado, e que deliciosamente alimentou os espíritos naqueles dias. Preciso dizer do significado de uma Monja (Coen) mobilizar centenas de pessoas para escutar sobre “silêncio”(!), relações humanas e paz, num momento marcado pela intolerância e pela violência nas suas mais variadas formas – foi revigorante.

Sem dúvida, a Bienal significou um oásis de humanização a que as pessoas se agarraram com força, com alegria, em busca da saciedade de ser para si. Além disso, o que dizer do “Pajubá”, declamado pela grande Amara Moira, que a brisa marinha espalhou pelos quatro cantos de Maceió, e que não só desafiou a tradução do intérprete de Libras, mas também promoveu um encontro precioso entre pessoas, cis e trans, ao falar sobre liberdade de ser quem se é num espaço aberto, democrático, na rua, numa noite de sábado, com centenas ao redor. Não foi apenas simbólico; mas permitiu que todos os transeuntes pudes-



Foto: Renner Boldrino

sem ouvir e aprender sobretudo acerca do amor a si mesmo, sobre ser travesti e transexual como um tema humano, um tema de todos, de forma clara, aberta, leve, divertida, digna, enfim, humanamente edificante. E é exatamente esse o papel de uma Universidade, e isso me emocionou, não só nesse momento, mas durante todas as atividades que pude acompanhar. Entre lançamentos diversos de livros (foram 70 novos títulos), vimos nossos colegas imortalizando suas contribuições, postando-se felizes diante de suas obras tornadas vivas. Palestras, oficinas, feira de artesanato e até barraca da democracia! Sim, ainda teve o maior líder político do mundo atual saindo da prisão, o que promoveu um belo “sexto” da democracia, indo ao encontro dos que assistiam, nas escadarias da Associação Comercial, uma mesa sobre a Memória e a Verdade (tratando da ditadura militar no Brasil). Aliás, essa forma de propor palestras na escadaria se consolidou como uma prática democrática do evento. Os degraus foram palco de homena-

gens a Moçambique e às Mulheres trabalhadoras organizadas em movimentos sociais e populares. Trabalhadoras rurais, Líderes religiosas, Travestis e Transexuais, Mulheres em situação de rua, Marisqueiras, Mulheres sem teto, todas ergueram suas vozes sobre o mármore branco daquele que foi símbolo da prosperidade econômica de uma época, para dizer que existem e resistem, e em meio a um estado marcado pelo patriarcalismo, aquelas mulheres pisaram firme dizendo que não podem permanecer ocultas. Eu reafirmo que essa homenagem, num evento Literário, significou para mim, dizer que ainda há muito a ser escrito e que temos o dever moral de incluir a vida real de quem luta por dignidade nos nossos livros (aqui falo como membro de uma comunidade acadêmica de uma universidade pública).

E teve mais: centenas se reuniram para escutar uma mulher, mãe, ocupante de cargo político, comunista a falar de amor, de feminismo, de solidariedade, de luta de classes, tangenciando

temas atuais como fake news, diferentes tipos de violência, maternidade entre outros. Foi emoção pura quando Lula foi transferido diretamente do ABC Paulista para ser embalado pelos braços-vozes do povo na Sá e Albuquerque, entoando um coro uníssono que conferiu à 9ª Bienal um caráter de encontro dos que almejam dias de felicidade. Foi sobre esse sentimento que eu ouvi cada pessoa falar nesses 10 dias... Gente feliz, ao reconhecer aquele espaço, os que se encontravam felizes com o respeito conferido a um texto tão importante quanto a Constituição Federal, dirigiram-se até lá para comemorar, e foram plenamente acolhidos em um espaço de felicidade. Mas não só estes... vi tantas famílias nas mais diferentes configurações, fazendo seu passeio de fim de semana; muitos, mas muitos mesmo, como eu nunca havia visto em eventos públicos em Maceió, casais homoafetivos se expressando de mãos dadas, com beijos de comemoração, em meio à liberdade que aquele espaço proporcionou; grupos de jovens



Foto: Thiago Prado

estudantes na praça conversando; artistas de rua se apresentando; a Bienal atraiu felicidade.

Uma observação paralela a isso tudo é que fui à Bienal diariamente, entrei e saí dos prédios, participei de oficinas, vi palestras, abri evento, fui aos lançamentos de livros, comi na praça e também assisti à programação cultural... Enfim... diante disso, disse no sábado de manhã, a uma amiga que veio passar a semana em Maceió para vivenciar a Bienal: “Acorda pra gente ‘bienar’”. É isso mesmo! Um novo verbo para um novo e lindo formato para nossa Bienal. Eu fui andar nas ruas de Jaraguá, olhar os livros, escutar saraus, ver shows, debater obras, lançar revista, enfim, passei a semana toda a ‘bienar’! E no sábado já estávamos saudosas pensando que no domingo acabaria... Chegou ao momento final com nossa Magnífica desafiando a prefeitura e o governo do estado (aqui representando a sociedade alagoana) a manter essa parceria

exitosa, convidando-os a ouvir o clamor de cada pessoa que dizia que aquilo tinha de continuar... . E foi com festa, trazendo aqueles que até então eram os únicos protagonistas que reuniam a felicidade naquele espaço: Pinto da Madrugada e Filhinhos da mamãe vieram confraternizar com a Bienal e agradecer pela folga dada a eles... Afinal, a felicidade - está provado -, não vem só com carnaval, mas também com a Bienal!

Que os livros, a arte, a ciência, a cultura estejam sempre circulando pelos prédios e ruas da nossa cidade; que a Universidade Federal de Alagoas, representada hoje por uma mulher e assistente social, continue reconhecendo que outra cidade é possível, que uma vida humanamente saudável é possível, e que continue atuando nessa direção, de fabular, idear e materializar, pelas mãos de dedicados servidores públicos (com muito orgulho), do Governo do Estado, da Prefeitura e da Universidade, aos quais todos nós só

temos a agradecer pelo brilhante e árduo trabalho, que nos permitiu escrever juntos essa página importante da nossa história. Esses foram sem dúvida, dia-exemplo de como pode ser diferente e culturalmente rica a vida quando a Universidade Pública e Gratuita existe e atua na sua missão. Vida longa à nova Bienal da UFAL! ■

**Graduada em Educação Física pela Ufal, mestre em Educação pela UFBA e doutora em Educação pela Unicamp, é professora da Licenciatura em Educação Física, no Campus Arapiraca da Ufal. Coordenou o Pibid e foi vice-coordenadora do curso. Atualmente, é pró-reitora de Extensão da Universidade Federal de Alagoas. Compõe o comitê científico do GTT Movimentos Sociais CBCE, tem atuação política e sindical, e participa da implantação do Centro de Investigação de Políticas Públicas de Esporte e Lazer de Alagoas, financiado pelo Ministério do Esporte.*

Um agradecimento a todos e todas que construíram a Bienal

Bruno Presado
Carol Ribeiro
Cris Honorato
Diogo Braz
Diva Lessa
Donizetti Neto
Edja Feliciano
Estevão dos Anjos
Fernanda Lins
Igor Moraes
Iris Tenório,
Joelma Albuquerque
Jorge André
Julia Mendes
Karina peixoto
Lenilda Luna
Lídia Ramires
Mariana Lessa
Marcio Cavalcante
Mauricélia Ramos
Nicolle Freire
Samy Dantas



Foto: Thiago Prado



Foto: Thiago Prado



Foto: Thiago Prado



9ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS 2019

Patrocínio:



Realização:



/ufaloficial